

INSUSTENTÁVEL PESO NARRATIVO

Sérgio Bazi

Da equipe do **Correio**

Por trazer Paulo Cezar Saraceni de volta ao universo de Lúcio Cardoso, O Viajante (☆☆) era um dos filmes mais esperados do Festival de Brasília. Os dois melhores momentos da obra do diretor carioca saíram de textos do escritor mineiro: Porto das Caixas e A Casa Assassinada — vencedor do Candango em 1971.

A adaptação do romance inacabado de Cardoso — apresentada anteontem, na penúltima noite da competição do Festival de Brasília — reúne diversos colaboradores de Saraceni — a começar pelo fotógrafo Mário Carneiro, o diretor de arte Ferdy Carneiro.

Pena que tudo isso não tenha contribuído para transformar a última parte da Trilogia da Paixão em outro filme antológico. Quem esperava a "tragédia leve", anunciada em entrevistas pelo cineasta, encontrou um melodrama pesadão que nunca alcança o tom adequado de encenação. Empurrada pela direção, o roteiro desconstruído e o elenco desigual, a rica matéria-prima de Lúcio Cardoso vai por água abaixo. Não é fácil acompanhar com interesse os desencontros desses personagens de uma imaginária cidadezinha mineira da década de 40 a partir da

Divulgação



Marília Pêra em O Viajante, última parte da chamada Trilogia da Paixão

chegada de um caixeiro-viajante.

Num filme que deveria ser marcado por intensidade dramática, o que se vê é super-representação, com direito a símbolos pueris e cafonas (balões vermelhos, pássaro libertado da gaiola). A história se perde numa narrativa não-linear e não ultrapassa o surrado clichê do forasteiro que transforma a vida de uma comunidade fechada e vai embora.

Amassa que Elas Gostam (☆☆☆☆) confirmou ser um dos curtas favoritos da mostra oficial. Bem-urdida mistura de animação de bonecos de massa com atores, é a primeira direção solo de Fernando Coster. O roteiro, um dos pontos altos da

produção, conta com a colaboração de José Roberto Torero e Fernando Bonassi — que, além de escritores e roteiristas de mão cheia, estão entre os mais talentosos realizadores de curta do momento. A paixão de uma mulher de carne e osso por um galã erótico de massa de modelar (impagável dublagem de Nuno Leal Maia) é levada com humor debochado e referências à pornochanchada.

Já Negros de Cedro (☆☆), documentário dirigido por Manfredo Caldas, tem como mérito registrar sem grandes pretensões cinematográficas a agonia de uma comunidade negra isolada no estado de Goiás.